

PUBLICIDADE

Brasil

Estudo prevê aumento alarmante de gases de efeito estufa se política ambiental brasileira for mantida

Cálculos da iniciativa Clima & Desenvolvimento indicam que país não cumprirá metas do Acordo de Paris se não houver "mudanças radicais" na agenda ambiental

14/09/2022 20h29 - Atualizado há 15 horas



Fumaça sobe de um incêndio ilegal na reserva da Floresta Amazônica, ao Sul de Novo Progresso, no Pará — Foto: AFP

A continuação das atuais políticas ambientais do governo brasileiro faria o Brasil ultrapassar em 137% a meta de emissões de gases de efeito estufa assumida pelo país no Acordo de Paris e na Contribuição Nacionalmente Determinada (NDC, na sigla em inglês), com prazo fixado em 2030. Também levaria o **desmatamento da Amazônia** ao índice de 25%, limite para o que os especialistas apontam como risco de savanização da

maior floresta tropical do mundo: áreas verdes podem se perder sem a possibilidade de recuperação.

- **Na temporada do fogo da Amazônia: Ibama usa apenas 37% do orçamento contra incêndios**
- **O terceiro pior Agosto: Amazônia teve 1,6 mil km² de alertas de desmate no mês em 10 anos**

As conclusões são do estudo científico “Cenário Continuidade”, desenvolvido por pesquisadores do Centro de Estudos Integrados Sobre Meio Ambiente e Mudanças Climáticas (Centro Clima) do Instituto Alberto Luiz Coimbra de Pós-Graduação e Pesquisa de Engenharia (Coppe), da UFRJ, como parte da iniciativa Clima & Desenvolvimento, uma articulação para incentivar a economia de baixo carbono. A iniciativa foi idealizada pelo Instituto Clima e Sociedade (iCS), Instituto Talanoa e Centro Clima.

Os pesquisadores trabalharam duas hipóteses de cenários de continuidade da atual política ambiental. No primeiro, o crescimento do desmatamento segue o ritmo do período 2018-2021 na Amazônia, no Cerrado e na Mata Atlântica, e se estabiliza em 2026. No segundo, o desmatamento nestes biomas continua crescendo no mesmo ritmo até 2030.

Sem a transição para uma economia de baixo carbono, o país descumpriria pela primeira vez o compromisso com a comunidade internacional, deixaria de qualificar seu desenvolvimento socioeconômico e de se tornar mais competitivo na corrida climática global, segundo os responsáveis pelo estudo. O impacto negativo pode resultar em mais desemprego, desigualdade e pior qualidade de vida da população.

O estudo leva em conta que o desmatamento da Amazônia passou de 754 mil hectares em 2018 para 1,3 milhão de hectares em 2021. A mudança representa uma elevação média de 183 mil hectares por ano.

A continuidade da devastação observada nos últimos quatro anos levaria a Floresta Amazônica a um desmatamento acumulado de quase 20 milhões de hectares no período 2022-2030, elevando as emissões brasileiras dos gases de efeito estufa, aponta a pesquisa.
